ISSN: 2358-8829

A ESCOLHA PELA DOCÊNCIA EM GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS EM CURSINHOS POPULARES

Gabriel de Souza Toledo[1]
Orientador Prof. Dr. Rafael Straforini [2]

INTRODUÇÃO

A escolha profissional pela docência constitui um processo contingencial e não linear, atravessado por experiências, relações e condições materiais e sociais que participam da constituição dos sentidos atribuídos à profissão. Como aponta Silva (2024), fatores como limitações financeiras, proximidade de instituições públicas, capital cultural, referências familiares e oportunidades de acesso à educação integram essas trajetórias, nas quais a identidade docente se constitui e se transforma continuamente.

À luz da Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2015), compreende-se que essas escolhas e identificações não possuem sentidos previamente determinados ou definitivamente estabilizados, mas se constituem por meio de articulações discursivas provisórias, organizadas por relações de equivalência e diferença. Nesse movimento, determinadas experiências e referências podem aproximar os sujeitos da docência, enquanto outras restringem ou afastam essa possibilidade, tensionando a ideia de uma decisão plenamente autônoma e permitindo considerar que, em algumas trajetórias, a própria profissão também “escolhe” a pessoa.

Sob essa perspectiva, os cursinhos pré-vestibulares populares, conforme discute Santos (2005), podem ser compreendidos para além de sua função preparatória para os processos seletivos, considerando-se suas dimensões políticas, pedagógicas e formativas.

[1] Graduando em Licenciatura e Bacharel de Geografia da Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP, g252067@dac.unicamp.br
[2] Professor orientador: Prof. Dr. Rafael Straforini Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2007), mestre em Educação Aplicada às Geociências pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2001) e graduado (bacharelado e licenciatura) em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Rio Claro, 1997). Professor Doutor do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). strafo@unicamp.br

Nesse sentido, interessa compreender como as experiências vivenciadas nesses espaços participam das articulações pelas quais a docência em Geografia passa a ser reconhecida como possibilidade profissional.

Como elemento constitutivo da escolha pela docência, destacam-se também as condições de ingresso e permanência na profissão. O Relatório Global sobre Professores, elaborado pela UNESCO e pela International Task Force on Teachers for Education 2030 (TTF), caracteriza a escassez docente como um fenômeno multidimensional, relacionado à formação, à contratação, à remuneração, ao reconhecimento e às condições de trabalho. O documento estima a necessidade de 44 milhões de professores adicionais até 2030, apontando salários pouco atrativos, jornadas elevadas e falta de apoio como fatores que comprometem o ingresso e a permanência na carreira (UNESCO; TTF, 2025).

Nessa direção, Andrade (2025) questiona a interpretação do chamado “apagão docente” como simples falta de interesse pela profissão, destacando o papel dos modelos de contratação e da precarização do trabalho. Essa discussão também aparece no Estado do Conhecimento desta pesquisa, no qual a precarização, o adoecimento e as condições de trabalho foram relacionados à atratividade e à permanência na carreira. Assim, a escolha pela docência não se encerra no ingresso na licenciatura, mas permanece sujeita a deslocamentos e ressignificações ao longo da formação e do exercício profissional.

Diante dessas discussões, o presente trabalho teve como objetivo compreender como se constituem e se articulam as cadeias discursivas de equivalência e diferença nos processos de escolha profissional pela docência em Geografia, entre estudantes e egressos da Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) que frequentaram cursinhos pré-vestibulares populares antes de ingressarem no Ensino Superior.

Busca-se analisar como as experiências nesses espaços, em articulação com as trajetórias escolares, acadêmicas e profissionais, participam da produção dos sentidos atribuídos à Geografia, à universidade e à docência. A investigação é orientada pela seguinte questão: o que acontece quando os cursinhos populares são compreendidos não apenas como espaços de preparação para os processos seletivos, mas também como espaços formativos que integram as trajetórias e as identificações profissionais dos

sujeitos? Parte-se da compreensão de que a escolha pela docência não representa um ponto de chegada definitivo, mas um percurso contínuo, contingencial e sujeito a ressignificações, como sintetiza a fala de uma das participantes dos grupos focais ao refletir sobre sua trajetória: “está sendo um processo ainda”.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE nº 96745626.1.0000.8142), fundamentada na Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (2015) e desenvolvida a partir de três frentes procedimentais articuladas. Inicialmente, realizou-se um estado do conhecimento sobre a escolha profissional pela docência e, particularmente, pela docência em Geografia, buscando identificar as principais abordagens presentes na produção acadêmica e as lacunas existentes sobre a temática.

Posteriormente, aplicou-se um formulário on-line destinado à caracterização dos participantes e à identificação de aspectos relacionados às suas trajetórias escolares, espaciais, profissionais e de permanência universitária. Por fim, foram realizados dois grupos focais, com quatro participantes ao todo, buscando aprofundar qualitativamente os sentidos atribuídos às experiências nos cursinhos populares, à escolha pela Geografia e à possibilidade de seguir a carreira docente

Os dados produzidos pelo formulário foram também colocados em diálogo com informações agregadas do no Relatório Global sobre Professores, elaborado pela UNESCO e pela International Task Force on Teachers for Education 2030, (TTF). Esse movimento não teve como finalidade estabelecer uma correspondência estatística direta entre diferentes bases, mas situar as trajetórias dos participantes diante de condições mais amplas de ingresso, formação e permanência do Ensino Superior no Brasil e no Mundo.

Os grupos focais, por sua vez, possibilitaram aprofundar aspectos que os dados quantitativos não permitiriam compreender isoladamente, evidenciando articulações, tensões, deslocamentos nos processos de identificação presentes na constituição das escolhas profissionais.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das trajetórias dos estudantes e egressos da Licenciatura em Geografia da Unicamp que frequentaram cursinhos pré-vestibulares populares parte, inicialmente, da caracterização dos espaços e das condições em que essas experiências foram vivenciadas. Nesse sentido, o formulário on-line constituiu uma primeira aproximação com os participantes, permitindo identificar aspectos de suas trajetórias escolares, sociais e espaciais, bem como suas relações com os cursinhos populares e com o ingresso no Ensino Superior.

O formulário foi respondido por 15 participantes que frequentaram nove cursinhos pré-vestibulares populares distintos, com maior participação de egressos do TRIU e do Colmeia, que, juntos, corresponderam a 46,7% dos respondentes. Para 93,3% dos participantes, a frequência no cursinho ocorreu durante pelo menos um ano, enquanto 66,7% frequentaram esses espaços no período noturno, evidenciando que essas experiências não representaram apenas um contato pontual anterior ao vestibular.

Todos os participantes cursaram a maior parte do Ensino Médio em escolas públicas. Além disso, 58,8% exerceram algum tipo de atividade remunerada durante esse período, 80% se identificaram como mulheres cisgênero e 66,7% se autodeclararam pretos ou pardos. Essas características não podem ser generalizadas para o conjunto dos estudantes da Licenciatura em Geografia da Unicamp, mas auxiliam na compreensão das condições a partir das quais as escolhas foram constituídas. Em relação à escolaridade dos responsáveis, apenas dois participantes indicaram possuir pelo menos um responsável com Ensino Superior completo, aspecto que tensiona a importância da circulação de informações sobre universidades, cursos e formas de ingresso nas trajetórias investigadas.

A dimensão espacial também atravessa essas experiências. Entre os participantes, 60% nasceram fora de Campinas e 66,7% vivenciaram alguma migração relacionada ao ingresso na universidade. Durante a frequência aos cursinhos, 86,7% utilizaram transporte público e 60% levavam pelo menos 46 minutos para realizar o percurso. Além disso, 73,3% receberam ou já haviam recebido algum tipo de apoio estudantil. Esses resultados evidenciam que deslocamentos, moradia, alimentação, trabalho e políticas de

permanência não constituem apenas consequências posteriores à escolha, mas participam da própria delimitação das possibilidades profissionais.

Um resultado central refere-se à primeira escolha de formação, dos 15 participantes, 11 (73,3%) afirmaram que a Licenciatura em Geografia não era sua primeira opção. Esse resultado dialoga com o estado do conhecimento, realizado nos periódicos da CAPES e da SciELO, na Base de Teses e Dissertações da CAPES, no repositório da FAPESP e nos anais de eventos específicos do Ensino de Geografia.

Embora a maior parte dos trabalhos não trate diretamente da escolha profissional, as pesquisas destacam a importância das trajetórias de vida, das experiências escolares e formativas, dos estágios, do PIBID, da residência pedagógica e das relações com professores nos processos de aproximação, afastamento e ressignificação da docência.

A aproximação entre o estado do conhecimento e o formulário aponta para uma convergência importante, uma vez que a literatura indica que a identidade e a escolha docentes são continuamente constituídas ao longo das trajetórias formativas, enquanto os resultados mostram que, para a maioria dos participantes, a Geografia não constituía inicialmente a primeira possibilidade profissional. A escolha pode ser compreendida, portanto, a partir das articulações que constituem as cadeias de equivalência e de diferença, pelas quais determinadas possibilidades adquirem sentidos, enquanto outras são afastadas ou ressignificadas.

Entretanto, embora os resultados do formulário permitam situar as condições que atravessam essas trajetórias, não explicam, isoladamente, os sentidos atribuídos pelos sujeitos às experiências vivenciadas. Para aprofundar essas questões, foram realizados dois grupos focais, fundamentados em Gatti (2005), que compreende esse procedimento como possibilidade de reunir diferentes percepções e significados a partir da interação entre os participantes.

Os encontros tiveram início com a construção coletiva de mapas mentais sobre a profissão docente e os cursinhos populares. Inicialmente, apareceram associações relacionadas a aspectos mais imediatos dessas experiências, como “Acesso”, “Professores”, “Diversidade”, “Lanche” e “Cansaço”. Ao final da atividade, os

participantes tiveram a oportunidade de acrescentar outras palavras que julgassem importantes, registradas nas caixas quadradas do mapa, entre elas “Identidade”, “Memória”, “Dualidade” e “Saúde Mental”.

As palavras registradas nos mapas mentais, em conjunto com as perguntas norteadoras, constituíram o fio condutor das conversas e permitiram retomar os sentidos atribuídos pelos participantes às próprias experiências. Esse processo favoreceu a reflexão sobre as relações estabelecidas e a ressignificação de suas trajetórias, aspecto que será aprofundado na análise das falas.

FIGURA 1- MAPAS MENTAIS DOS GRUPOS FOCAIS



Fonte: Elaboração própria, com base nos registros dos grupos focais.

A partir dessas discussões, as narrativas permitem compreender que a escolha pela Geografia e pela docência não corresponde a um percurso único ou previamente estabelecido. Um participante chegou ao cursinho com o Jornalismo como “aquele sonho de infância”, uma escolha que estava “muito certa, muito firmada”. Entretanto, durante o cursinho, passou a reconhecer que questões compreendidas como denúncia jornalística também constituíam objetos de estudo da Geografia, relatando que “foi nesse processo de mudança e de conversa [...] que houve esse olhar para a Geografia”.

Essa não linearidade aparece também na distinção entre a escolha pela Geografia e a escolha pela docência. Uma participante afirma que “não foi durante o cursinho que eu descobri que eu queria ser professora” e acrescenta que “acho que isso foi um processo,

está sendo um processo ainda". A escolha pela Geografia, o ingresso na licenciatura e o reconhecimento de si como docente constituem movimentos relacionados, mas não necessariamente simultâneos.

Essa dimensão aproxima-se da discussão de Brooks (2016), que compreende a identidade docente como dinâmica e continuamente reelaborada pelas experiências pessoais, formativas e profissionais. Nesse sentido, a inclusão das palavras "Memória" e "Identidade" no mapa mental assume especial significado quando um participante afirma que "quando a gente faz essa volta do percurso, a gente também percebe quanto ela mexeu ali com a nossa identidade".

No interior dessas trajetórias, o cursinho popular aparece como espaço de mediação que ultrapassa a preparação para os processos seletivos. Essa compreensão encontra respaldo em Santos (2005), que situa historicamente os cursinhos populares entre os movimentos de enfrentamento às desigualdades educacionais e de reivindicação do acesso à educação pública.

Alguns participantes relataram que a universidade pública sequer aparecia como uma possibilidade concreta. Um deles, morador de Campinas, descreveu a Unicamp como geograficamente situada na mesma cidade, mas distante de sua realidade, afirmando que vinha de "um outro extremo, um extremo muito periférico" e que a instituição "não é uma universidade acessada pela cidade".Esses relatos apontam que a existência formal de uma instituição pública não significa que ela esteja igualmente inscrita nos horizontes de possibilidade de todos os sujeitos.

Nesse contexto, as relações estabelecidas nos cursinhos contribuíram para ampliar as possibilidades reconhecidas pelos participantes. Um estudante que imaginava ingressar no Ensino Superior pelo ProUni ou Fies relatou que as conversas com professores universitários lhe apresentaram bolsas, políticas de permanência e outras formas de ingresso, afirmando que "muda até uma chave de que a universidade pública é um caminho possível". A circulação dessas informações participa, assim, das articulações pelas quais a universidade passa a adquirir novos sentidos nas trajetórias dos sujeitos.

Essa ampliação das possibilidades, contudo, não elimina os limites materiais. Uma das trajetórias é marcada por uma rotina em que o participante trabalhava até as cinco da tarde, chegava ao cursinho às sete, saía às onze e alcançava sua casa entre meia-noite e uma da manhã. Em outro relato, a necessidade de trabalhar tornou a existência do curso noturno decisiva, levando os participantes a afirmarem que “se fosse só diurno, eu acho que Geografia não era uma opção” e “nenhum curso que fosse diurno é uma opção”.

A alimentação também aparece como condição de permanência. Sobre essa questão, uma participante afirma que “ter essa segurança alimentar no cursinho foi uma coisa que até me fez ir” e que “não ia ter tempo e nem grana pra me organizar pra levar uma janta”. Essas experiências reforçam a importância atribuída por Villarino (2024) às políticas de ingresso e permanência e permitem compreender como as condições materiais delimitam as possibilidades que podem ser efetivamente incorporadas às trajetórias.

Os grupos focais também permitiram compreender os sentidos em disputa atribuídos à Geografia nessas trajetórias. Para uma participante, uma aula sobre agricultura familiar e agronegócio, ao abordar a produção de alimentos e a fome, foi marcante. Ao recordá-la, afirma que seu “coração ficou acelerado, parecia amor à primeira vista” e que pensou “eu realmente quero Geografia”. Para outra, a aproximação ocorreu pela “linguagem da rua” e pelo rap, que mobilizavam questões como periferia, violência, transporte e falta de acesso. Como afirma, “com a Geografia você conseguia dar nome pra isso”, conectando o que antes aparecia como “pontas soltas”.

Essas experiências mostram que a aproximação com a Geografia ultrapassa a afinidade com uma disciplina escolar, envolvendo sua significação como possibilidade de interpretar o mundo e as experiências vividas. Essa perspectiva aproxima-se da discussão sobre identidade disciplinar de Brooks (2016), que envolve não apenas o domínio de conteúdos, mas também formas de interpretar o mundo relacionadas à constituição da identidade profissional.

A figura do professor também ocupa lugar importante nessas trajetórias. Nos cursinhos, os docentes são lembrados pela proximidade, pelo diálogo e por relações menos hierarquizadas. Os participantes destacam que “são os próprios universitários que

dão as aulas" e que "a conversa é muito mais franca". Essa reciprocidade aparece na afirmação de que "a sala de aula acaba virando um grande 'eu aprendo, você aprende'", indicando que estudantes e professores constroem experiências formativas nesse espaço.

Essa dimensão permite compreender outro sentido frequentemente atribuído à docência, o retorno social. Para alguns participantes, o ingresso na universidade aparece inicialmente associado à mudança da própria realidade, enquanto a docência passa a ser significada como possibilidade de devolver algo recebido durante essa trajetória. Um participante afirma que "o papel da docência caminha nessa ideia do retorno social", incluindo "o retorno aos próprios cursinhos populares". Outra participante relata que "foi a educação que me deu a oportunidade de conseguir mudar de realidade" e, a partir disso, declara querer "levar isso pra outras pessoas". Em outra formulação, a escolha aparece como desejo de "ser para alguém" aquilo que uma antiga professora havia sido para ela.

Antagonizando a isso, as experiências do exercício profissional também tensiona uma idealização da docência. Essa tensão dialoga com Andrade (2025), para quem a redução da atratividade docente não pode ser explicada apenas por uma suposta diminuição do interesse individual dos jovens pela profissão, sendo necessário considerar também as formas de contratação, a precarização e as condições concretas de ingresso e permanência na carreira. Nos grupos focais, essa discussão ultrapassa a questão salarial e alcança a liberdade de cátedra e a crescente plataformização da educação. Um participante afirma que ser professor envolve "não só [...] salário", mas também a possibilidade de ser "barrado pra ensinar e muitas vezes calado".

Assim, a precarização não aparece como elemento externo à escolha, mas como corte antagônico no processo de constituição da identidade docente, com o qual os participantes negociam ao imaginar a docência como possibilidade profissional. Os sentidos de transformação social, retorno e realização coexistem com aqueles associados à desvalorização, à insegurança e ao desgaste, tensionando as identificações construídas ao longo das trajetórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise articulada dos dados produzidos pelos diferentes procedimentos metodológicos permitiu compreender que a aproximação com a docência em Geografia nem sempre antecede o ingresso na universidade, podendo ocorrer durante a formação, a partir de experiências que inicialmente não estavam relacionadas à intenção de seguir a carreira docente. Os relatos mostram que os cursinhos populares participaram desses deslocamentos ao aproximar os estudantes de conteúdos geográficos, apresentar diferentes referências docentes e ampliar o conhecimento sobre as possibilidades de acesso e permanência no Ensino Superior. Ao mesmo tempo, as experiências dos participantes revelaram que essa aproximação não ocorre de maneira isolada das condições materiais de vida, que interferem diretamente nos percursos possíveis.

Além disso, as experiências analisadas mostram que a aproximação com a docência não elimina as tensões relacionadas ao exercício profissional. O desejo de transformação social e de retorno à comunidade, presente nas falas dos participantes, convive com preocupações relativas à precarização, à desvalorização, à insegurança profissional, à liberdade de cátedra e à plataformização da educação. Essas dimensões revelam que a identificação com a profissão também é atravessada pelas condições concretas em que o trabalho docente se realiza, podendo ser continuamente revista ao longo da formação e da carreira.

Outro aspecto relevante diz respeito à própria compreensão da escolha profissional. Como sintetiza a fala de um participante, “nem sempre é você que escolhe o curso, às vezes é ele que te escolhe”. Essa formulação desloca a ideia de uma escolha inteiramente conduzida pelo indivíduo e permite reconhecer o papel das experiências, das oportunidades e das condições de vida na configuração dos percursos profissionais. A identidade docente, portanto, não se estabelece de uma vez, mas se transforma nas relações e identificações construídas ao longo da trajetória.

Ao considerar os cursinhos populares como espaços que também participam desses percursos, a pesquisa amplia a compreensão de suas dimensões formativas, para além da preparação para os processos seletivos. Embora não determinem a escolha pela docência, esses espaços podem integrar as articulações pelas quais a Geografia e o

exercício docente passam a ser reconhecidos como possibilidades profissionais. Retoma-se, assim, a fala de uma das participantes dos grupos focais, ao afirmar que “está sendo um processo ainda”. Essa afirmação sintetiza o principal apontamento da pesquisa, em que, a escolha pela docência em Geografia permanece aberta a novas experiências, identificações e ressignificações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rodrigo Coutinho. Apagão docente? Outra leitura do alarde. **Boletim Paulista de Geografia**, [S. l.], v. 1, n. 114, p. 191–217, 2025. DOI: https://doi.org/10.61636/bpg.v1i114.3893. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/3893. Acesso em: 18 ago. 2026.

BROOKS, Clare. **Teacher subject identity in professional practic**e: teaching with a professional compass. London; New York: Routledge, 2016.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. H**egemonia e estratégia socialista**: por uma política democrática radical. São Paulo: Intermeios, 2015.

SANTOS, Renato Emerson dos. Pré-vestibulares populares: dilemas políticos e desafios pedagógicos. In: CARVALHO, José Carmelo Braz de; ALVIM FILHO, Hélcio; COSTA, Renato Pontes (org.). **Cursos pré-vestibulares comunitários**: espaços de mediações pedagógicas. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2008. p. 188–203.

SILVA, Maria José Sousa da. Reflexões acerca da identidade do professor e escolha pela docência em Geografia a partir das narrativas (auto)biográficas. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 14, n. 24, p. 5–28, 2024. DOI: https://doi.org/10.46789/edugeo.v14i24.1365. Disponível em: https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/1365. Acesso em: 21 ago. 2026.

UNESCO; INTERNATIONAL TASK FORCE ON TEACHERS FOR EDUCATION 2030. Relatório global de professores: abordar a escassez de professores e transformar a profissão. 2. ed. rev. Brasília, DF: UNESCO; Fundação SM, 2025. DOI: https://doi.org/10.54675/WEJT1606. Disponível em: https://teachertaskforce.org/sites/default/files/2025-04/393261por.pdf. Acesso em: 26 ago. 2026.

VILLARINO, Caio Vitor. **O papel dos pré-vestibulares sociais e populares na formação de professores de Geografia**: olhares sobre o PVS – CEDERJ/Cecierj e a Rede Emancipa. 2024. 129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) — Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.